

# Fortalezas amargam fraqueza

Fortes de Salvador estão abandonados, alguns servindo até de abrigo para moradores de rua

ROBERTA CERQUEIRA  
REPORTER

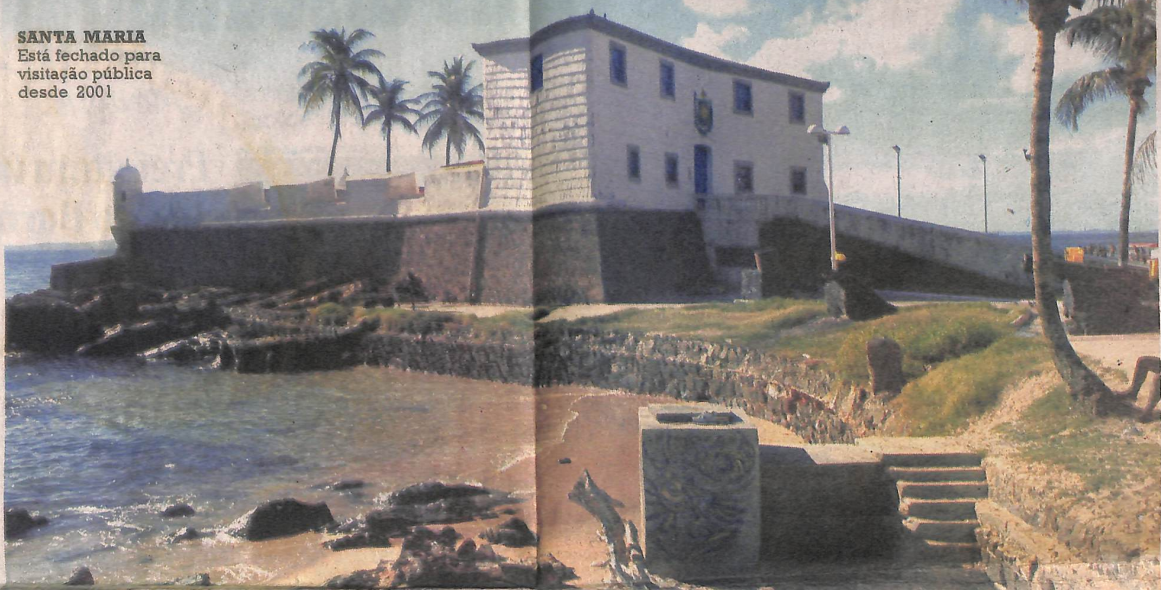
No passado, os fortes eram os principais instrumentos de defesa do Brasil contra invasões estrangeiras; hoje, muitas destas fortalezas enfrentam desafios ainda maiores para continuar erguidas: a falta de manutenção e a degradação humana. Na capital baiana, o Forte São Paulo da Gamboa (Gamboa de Baixo) está entre os mais castigados pela ação do tempo. Abandonado e com estruturas danificadas, serve de abrigo para moradores de rua. O Santa Maria (Porto da Barra) – fechado para visitação pública, desde 2001 – e o Forte do Barbalho (Barbalho) – o maior de Salvador – também carecem de intervenções.

Com objetivo de assegurar a soberania do território descoberto, os portugueses

construíram muralhas de taipa e barro – suficiente contra as flechas dos índios –, que posteriormente seriam ampliadas e reforçadas com pedra e cal, ganhando baluartes no lado de frente para o mar e torres encasteladas. No século XVII, a velha muralha deu lugar a um eficiente sistema de defesa em profundidade, com trincheiras, muralhas e fortificações, construídas e armadas em lugares estratégicos.

No total, Salvador é cercada por 11 fortes: o Santo Antônio (Farol da Barra), sob os cuidados da Marinha do Brasil, o São Diogo (Porto da Barra), o São Pedro (Campo Grande), o Santo Alberto (Av. Jequitaita) e o Nossa Senhora de Mont Serrat (em Mont Serrat), todos de responsabilidade do Exército, o São Marcelo, ge-

**SANTA MARIA**  
Está fechado para visitação pública desde 2001



FOTOS: ROMILDO DE JESUS

rido pela Associação Brasileira dos Amigos das Fortificações Militares e Sítios Históricos (Abraf), o Santo Antônio Além do Carmo e o Forte do Barbalho, do governo do estado, o São Paulo da Gamboa, patrimônio da União e o Forte Santa Maria, administrado por uma Organização Não-Governamental ligada à Ufba.

Com exceção do São Diogo – tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia (Ipac) – e o Nossa Senhora de Mont Serrat, todos os outros fortes são tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a quem cabe aprovar projetos de restauração e fiscalizar a conservação dos monumentos tombados.



Temos uma despesa de R\$ 80 mil, com receita variando em R\$ 20 a 30 mil, que causa uma dívida de R\$60 mil

## O “Umbigo da Bahia”

Depois do fechamento do Forte Santa Maria, em 2001, mais um monumento está ameaçado de fechar as portas. Conforme divulgado ontem, na **Tribuna**, a Abraf foi intimada judicialmente, a pedido do Iphan, a desocupar o Forte São Marcelo – também chamado de “Umbigo da Bahia” pelo escritor Jorge Amado. Em nota, o superintendente do Iphan, Carlos Amorim, esclarece que o monumento em questão fora cedido à Abraf no ano 2000, e durante sete anos jamais mereceu uma única prestação de contas e qualquer relato sobre seus usos. “A primeira prestação de contas somente foi apresentada

em 2007, após notificação motivada pela Procuradoria Federal no Iphan (...). Tal situação incontestável motivou a decisão do presidente do Iphan de rescindir unilateralmente o contrato de cessão, em prol do Erário e do princípio da legalidade dos atos da Administração Pública”.

O documento ainda ressalta que: “Uma vez saneada a questão, em decorrência do cumprimento da decisão da Justiça Federal, será o momento de anunciar as medidas de restauração e definir as propostas de uso e a forma de concessão adequadas a um monumento tão relevante para o país”.

Diretor-presidente da Abraf, Anésio Ferreira Leite garante que todas as despesas foram contabilizadas e apresentadas ao órgão federal. “Não há um gestão fraudulenta”, garantiu Leite, ressaltando ainda a necessidade de parceiros na administração do forte. “Temos uma despesa em torno dos 80 mil, sendo que a nossa receita varia entre os R\$ 20 mil a R\$ 30 mil, o que tem causado uma dívida de mais de R\$ 60 mil”, diz.

Segundo ele, o forte é mantido através de doações, realização de eventos e da re-

ceita arrecadada com as visitas. “A visitação tem decaído muito nos últimos anos. Em janeiro de 2007 recebemos cerca de 52 mil visitantes, no mesmo mês deste ano, contabilizamos 26 mil visitantes, uma queda superior a 50%”, relata.

Participante na rotina dos fortes de Salvador – apesar de gerir apenas o São Marcelo –, Leite reforça a necessidade de uma administração atuante nos demais monumentos, segundo ele, muitos destes em precárias condições. “Não adianta restaurar e não ter uma gestão que cuide da conservação do local e impeça a degradação”.

O Santa Maria apresenta sinais de degradação, com piso, paredes e demais instalações em péssimas condições e aparentemente falta de conservação. Sem contar o seu entorno, que inclui a área em frente à sua fachada, a praia do Porto da Barra e a balaustrada, e sofre interferências que prejudicam sua visibilidade. A situação ainda mais grave, conforme Leite, pode ser observada nos Fortes do Barbalho e São Paulo da Gamboa. “O Forte do Barbalho está praticamente abandonado, assim como o São Paulo, que abriga moradores e a cada dia está mais deteriorado”, lembra.

## “É preciso ter projeto”, diz Leonelli

Procurado pela reportagem, o secretário de Turismo da Bahia, Domingos Leonelli, destacou que o estado tem apoiado diversas ações de requalificação dos equipamentos turísticos.

“Mas para isso é preciso ter projeto”, disse. De acordo com o secretário, recentemente o governo investiu

R\$21 milhões na recuperação de prédios e monumentos históricos do Centro Antigo, como o Palácio Rio Branco, Casa das Sete Mortes, Igreja e Cemitério do Pilar, Igreja do Boqueirão e Rosário dos Pretos. Salientando ainda a obra de requalificação da Orla de Salvador, por meio da Conder.



**FORTE DO BARBALHO**

Com a estrutura danificada, praticamente abandonado, o forte tem abrigado moradores de rua